

---

**MESA REDONDA**

---

## A heroificação do Imperador Juliano no relato de Amiano Marcelino •

Margarida Maria de Carvalho  
UNESP-Franca

“(…) a participação em combates freqüentes e nas guerras nos indica sua fortaleza, assim como sua resistência a frios e calores intensos. É sabido que do soldado necessita-se do exercício do corpo; do Imperador o exercício da mente. Juliano, porém, em pessoa, arrematou de um só golpe, um inimigo sanguinário avançando com ousadia. Em determinadas ocasiões evitou o retrocesso de nosso exército, tomando-o à frente com seu próprio peito. Ao destruir os Reinos dos germanos enfurecidos e na ardente arena Persa, aumentou a confiança dos soldados, lutando na primeira fila (...)” (Amiano, XXV, 4,10).

Esta citação faz parte da *Res Gestae* ou *História* do autor pagão Amiano Marcelino – livro XXV, 4,1-27, onde este autor constrói um retrato elogioso do Imperador Juliano, inserido nos padrões culturais da sociedade romana do século IV d.C. – período que não deve ser entendido como o fim do Império Romano e sim de Antigüidade Tardia – época de transição, em que apesar de permanências, registram-se mudanças que levaram o homem a construir um novo ideário moral.

Amiano remete-nos, nesta citação, às linhas históricas das lutas do exército romano – chefiado por Juliano – contra os bárbaros e os persas, no ano de 357, ainda quando o príncipe era César.

Temos, então, como objetivo, nesta exposição, analisar os elementos e as motivações que induziram o escritor antioquiano a delinear uma imagem heroificada de Juliano com o intuito de deixá-la para a posteridade. Tal construção identifica-se, na verdade, com os anseios e conflitos vividos por Amiano numa sociedade em transformação. O século IV é marcado pela invasões bárbaras, por inúmeras reformas políticas, sociais e econômicas que conduziram à uma monarquia absoluta, cujo aparato de poder caracterizava-se pela centralização, a burocracia e o militarismo. Estas mudanças afetaram, diretamente, o comportamento da sociedade e, assim, no transcurso da época imperial, o

---

• Esse trabalho fez parte da mesa redonda “Representações do Imaginário Político no Império Romano”, apresentada no dia 24 de julho de 1996.

indivíduo passa de cidadão a súdito – mudança justificada, principalmente, pela situação política, pelo dirigismo estatal e a união da igreja com o Estado; fato último que merece destaque na historiografia do Baixo Império e que não se pode deixar de comentar, devido à influência preponderante exercida sobre a vida do Imperador Juliano e de um de seus principais admiradores, o próprio Amiano Marcelino.

É em 313 que o Imperador Constantino reconhece o cristianismo como uma religião legal. Em 392, com o Imperador Teodósio, o cristianismo torna-se, oficialmente, a religião do Império Romano. Essas datas definem, portanto, um período de transição decisivo no século IV quando ocorre uma proliferação de obras cristãs, tentando justificar e cristalizar novos conceitos de vida e a dissociação dos conceitos clássicos (Bonfante, 1964, p.402).

É durante o governo do Imperador Teodósio que Amiano Marcelino escreve sua obra histórica-literária. Tal obra consta de 31 livros, sendo que os treze primeiros cujos fatos relatados são de 96 a 353 d.C., encontram-se perdidos. Os dezoito restantes revelam os acontecimentos vividos e assistidos pelo autor, de 354 a 378 (Galletier, 1968, p.16). Os livros interessantes para nossa pesquisa, em especial, são os de números XIV a XXV, nos quais o autor descreve da morte de Galo – irmão mais velho de Juliano – ao retrato biográfico do nobre Príncipe; nosso objeto de análise em questão.

Amiano se integra, diretamente, no círculo de amigos e de profissionais desse Imperador. Luta junto ao mesmo nas Gálias, participando, também, das batalhas contra os inimigos hereditários do Império Romano: os Persas. É uma testemunha ocular das ações políticas e militares do jovem Imperador. Em toda sua obra demonstra uma admiração e um respeito calorosos por Juliano, considerando-o mesmo o maior Imperador herói das últimas décadas do século IV d.C. Da elevação a César até a sua morte, Amiano o acompanha fielmente. Quando da entronação de Joviano, Amiano retira-se da vida militar iniciando sua vida literária. Durante treze anos, enquanto partícipe do exército romano, percorre uma parte da Europa e da Ásia Menor e, no contato com essas populações, é que sentiu sua vocação de historiador. Provavelmente, acumula nestes anos, informações sobre as campanhas militares, as incertezas e as decisões contraditórias de Constâncio II, as perigosas horas nas batalhas de Estrasburgo e Amida e sobre a morte de seu ídolo Juliano. Restava-lhe a realização de sua produção escrita, deixando-nos um registro histórico, ou seja, uma via de compreensão de suma importância para a análise dos feitos de Juliano e os acontecimentos da sociedade romana do século IV.

A obra de Amiano insere-se no período em que denominamos de Renascimento Teodosiano (379-395), época na qual vários escritores possuem o intuito de escrever sobre os feitos dos grandes Imperadores e a história de Roma. Sua fidelidade profunda às tradições da moral e da cultura romanas definem bem suas linhas histórica-literárias como pertencentes a um novo classicismo. É claro que como todo romano culto, sofre as influências de autores como Salústio, Tácito, Tito Lívio e outros. Autores modernos como Thompson (1947), Fontaine (1969) e Pastor (1992) reforçam a idéia de que Amiano é, na verdade, um tipo de Tácito do tempo de Teodósio.

Segundo Fontaine (1969, p.419), um dos mais conhecidos historiadores da década de 60 que se dedicou à análise da produção historiográfica Amianiana, a posição cronológica da obra de Amiano, no fim da Antigüidade Tardia (romana), merece uma avaliação cuidadosa daquilo que devemos compreender como neoclacismo. Amiano estava vivendo, literariamente, após o longo período da anarquia militar, dos problemas políticos e financeiros do século III, a tentativa de Restauração do Império. Restauração esta não acompanhada de situações mais favorecidas e sim de um contexto histórico que, a seus olhos, revelava uma ruptura da idéia mítica da Roma eterna. Assim sendo, o autor, apesar de sofrer as marcas literárias indeléveis de seus escritores prediletos do passado, transmite em suas revelações, o medo e a angústia de sua própria época, conturbada politicamente, mas não sem esperanças de reconstruir um novo ideal para o seu tempo presente e a posteridade.

Amiano possui, diante dos fatos narrados, uma atitude moralizante, ativa e objetiva em seus juízos sobre os homens, seus sucessos e fracassos. Três eram, pelo menos, as razões para tais atitudes (Pastor, 1992, p.107).

1ª) a tradição historiográfica romana por ele respeitada;

2ª) a contemporaneidade dos acontecimentos, em grande parte, vividos pelo próprio;

3ª) a fidelidade com seu espírito crítico.

Dentro dessa tradição, julgando-o como historiador, E. Stein em sua *Histoire du Bas-Empire* (1959), considera Amiano superior a Tácito em dois aspectos: em seu horizonte histórico mais amplo e em sua maior objetividade.

De fato, percebe-se na obra do autor pagão que ao refletir as categorias de pensamento ou a realidade contemporânea, ele não falseia a descrição das atitudes sociais, isto é, seu conteúdo histórico deve ser aceito sem reservas

Amiano não nega, também, seu forte patriotismo em relação a Roma. Seu objeto de adesão é a Roma Eterna – a de tradição gloriosa cuja permanência ele acredita ser infundável. Roma, em sua tese, necessita de uma defesa mais eficaz, de

ter uma sociedade mais justa e de uma maior tolerância no conflito entre cristãos e pagãos.

É nesse contexto problemático que pode-se alcançar a necessidade de Amiano Marcelino em heroificar Juliano. Figura marcante no cenário político da Roma do século IV, muito conhecido pela historiografia, por ter negado o cristianismo – daí o cognome “apóstata” – e por ter empreendido inúmeras reformas fiscais, militares e legislativas. Tudo isto em um curto espaço de tempo de 355-363.

Todas essas mudanças são assinaladas e louvadas por Amiano, vide o seguinte comentário:

“Há muitos testemunhos de sua generosidade, entre os quais as imposições de tributos leves, o indulto coronário, o perdão às dívidas acumuladas ao longo do tempo e os juízos imparciais sobre os impostos em espécie, exceto aos que venderam seus altos cargos; além disto, nunca teve a ambição de aumentar suas riquezas pois pensava estar mais bem guardadas nas mãos de seus donos. Dizia em diversas ocasiões que seus tesouros eram seus próprios amigos” (Amiano, XXV, 4,17).

É mister, portanto, observarmos que durante um período de transformações, a sorte de um povo parece estar visivelmente nas mãos de uma pessoa. Contudo tais razões refletem a mediação de necessidades e de decisões coordenadas por um determinado grupo da sociedade. Os ideais e os planos estão enraizados em um complexo de condições que tomam seu significado de alguma proposta de reelaboração para serem aproximados do desejo humano.

Em nosso caso específico, Amiano atribui a Juliano os arquétipos de um Príncipe ideal e de um grande filósofo que tinha tudo para reconstruir a glória e a honra do Império Romano. Sua personalidade é ressaltada num momento histórico difícil, vivido pelo próprio Amiano. A saudade do amigo e companheiro que tantas lutas venceu, que poderia ter vivido para mudar os rumos da turbulenta Roma Tardia. É o conceito de gênio, desenvolvido historicamente num contexto sócio-político favorável, o que reforça a lembrança da ação do indivíduo, sua iniciativa e vontade.

É claro que como já foi expresso, o discurso de Amiano possui, também, ingredientes tradicionalistas e moralizantes, os quais fazem parte de um repertório de “exempla” construído no passado, resgatado no presente e plenamente ratificado pela tradição secular. Ressaltando a análise feita por Ana Teresa Gonçalves em sua obra *A figura do “optimus princeps” nos compêndios de História Romana produzidos no século IV d.C.* (1991), inferimos que o autor antioquiano não deixa de glorificar Juliano como restaurador da ordem, bom

general, virtuoso, generoso, sábio ao escolher seus conselheiros e ótimo legislador. Em todo relato do livro XXV, Amiano retrata tais qualidades do Imperador, o que nos induz a pensar que a aristocracia da qual Amiano pertencia aproveitou o denominado renascimento theodosiano para reforçar e exaltar as raízes do passado, buscando assentar firmemente as bases de coesão numa ordem senatorial cada vez mais heterogênea, onde seus membros se distinguiam por suas origens variadas, fortunas diversas e múltiplas carreiras. Era de sua preocupação, como aristocrata pagão, manter viva a chama do conhecimento do passado de Roma (Gonçalves, 1991, p.33).

Entretanto, Amiano critica, neste discurso, algumas ações do Príncipe, tais como suas leis em relação às corporações municipais, que de acordo com Juliano deveriam agregar Decuriões estrangeiros residentes nas cidades (XXV, 4,21) e a famosa lei que proibia os professores cristãos de lecionarem nas escolas. Esta última considerada por Amiano Marcelino como implacável (XXV, 4,20). Tais características da descrição do autor, reforçam a idéia da originalidade de opinião inserida numa mensagem elogiosa, porém com ressalvas.

Com seus feitos militares exacerbados e com seu afã de notoriedade ressaltado, Juliano entra para a história, através do testemunho de Amiano, como um dos imperadores mais exemplares do Mundo Romano.

Amiano concilia sua tradição moral com suas preocupações existenciais, buscando no culto a um Imperador de passado glorioso – figura heróica e desbravada – o consolo de sua tristeza.

Registra-se, então, a elaboração de uma construção heróica, sob tendências determinantes de condições e tradições históricas. Preenche-se um espaço imaginário onde a análise da pessoa de Juliano, realizada à luz da emoção e da sensibilidade torna-se um mito. Um mito que Amiano ajudou a edificar e que até os dias atuais, representa um marco para a investigação histórica do século IV d.C.

## BIBLIOGRAFIA

- AMIANO MARCELINO. *Histoire*. Livres XIV-XIX. Texte établi et traduit par Édouard Galletier et Guy Sobbah. Paris: Les Belles Lettres, 1968-1970. 2t.
- AMIANO MARCELINO. *Histoire*. Livres XX-XXVIII. Texte établi et traduit par Juan Deseado Nisard. Paris: F.D.F., 1860.
- BONFANTE, Larissa Warren. Emperor, god and man in the IV century. Julian the apostate and Ammianus Marcellinus. *La Parola del passato*. Napoli: Gaetano Macchiaroli Editore, fascicolo XCIX, p. 401-427, 1964.

- FONTAINE, Jacques. Ammien Marcellin, historien somantique. *BAGB* (Bulletin de l'Association Guillaume Budé), Paris, v. 28, p.417-435, 1969.
- FOWDEN, Garth. The pagan holy man in late antique society. *J.H.S.* (Journal of Hellenic Studies), London, v.102, p.32-59, 1982.
- GONÇALVES, Ana Teresa M. *A figura do "Optimus Princeps" nos compendios de História Romana produzidos no IV século d.C.* Monografia submetida ao corpo docente do IFCS/ UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em História. Rio de Janeiro, julho 1991. (mimeog.).
- HARROU, H.T. *Décadence romaine ou Antiqueté Tardive*. III<sup>e</sup>-IV<sup>e</sup> siècles. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- PASTOR, Marcelo M. Amiano Marcelino, escritor romano del seculo IV. Perfil Literario. *ECLás*. Estudios Clássicos. Organo de la Sociedad española de Estudios Clásicos. Madrid, Inst. San José de Calasanz de Pedagogia. Tomo 34, n.102, p.91-114, 1992.
- STEIN, E. *Histoire du Bas-Empire*. Trad. J.R.Palanque. Paris: Desclée du Brower, 1959.
- VALENSI, Louis. Quelquer réflexions sur le pouvoir impérial d'après Ammien Marcellin. *BAGB*. Paris, v. 4, n.16, p.62-107, 1957.
- THOMPSON, E.A. *The historical work of Ammianus Marcellinus*. Groninger: Bouma's Boekhuis N.Y. Publishers, 1969.